

Stadium

N.º 178 — 1 de Maio de 1946 — Esc. 2\$00

ANTÓNIO FELICIANO (do Belenenses)





Estimado

N.º 173 — 1 de Maio de 1946 — Esc. 2400

ANTONIO FERREIRA (do Balneario)

FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA



O nosso camarada Rodrigues Teles, conversa à chegada do Belenenses ao Rossio, com Acácio Rosa e Miguel Butaller

O grupo de basquete do Belenenses desceu do «Lusitânia Expresso», na estação do Rossio, na situação «especial» de vencido. Mas nem por isso encontrou a gare vazia de admiradores. Acácio Rosa, o activo dirigente das várias modalidades pobres do popular clube de Belem, como os rapazes que se deslocaram para Espanha, receberam cumprimentos de muita gente amiga, pessoas da Federação, do jornalismo da especialidade, — simpatisantes do campeão nacional de basquetebol.

De resto, sabido que o Belenenses, bom representante do nosso basquete, fez quanto lhe era possível para conseguir belos resultados: que teve de lutar em condições desfavoráveis; que, apesar de tudo, impressionou os adversários e o público, no país vizinho — nem se compreendia ausência de elementos que o acarinhavam e servem todos os desportos.

Desta viagem do Belenenses a Madrid e Barcelona puderam tirar-se conclusões interessantes. Uma: — que o nosso basquete precisa de contacto internacional. Outra: — que não nos amofina a ideia de ir perder. E ainda mais: — que do nosso estilo saiu a diferença notada nos resultados.

Embora o Belenenses possua uma defesa áspera, os espanhóis superaram-no. Os espanhóis são duros, «placam» muitas vezes. O seu espirito de luta é embaraçoso para o nosso processo de jogo. Todos os belenenses se queixavam da maneira rude como os adversários «atacavam», possivelmente porque o seu basquete é menos subtil, menos artístico. Por isso — demolidor. Ou prático?

— Em Espanha, actualmente, não ganhará qualquer equipa portuguesa, afirmou-nos Acácio Rosa, quando o interrogámos.

«Entretanto, os espanhóis não possuem aquela superioridade técnica que puderam gritar. No primeiro jogo, contra o Haytano, ganharam por 40-32, mas perturbou-nos muito o estrado de madeira, escoregado, e onde os nossos vizinhos estiveram sempre à vontade. O seu basquete desconcertou-nos de entrada». Os 14 pontos obtidos por Kurcharski, jogador rapidíssimo e feliz a encestar, «balaram um tanto o poder da minha equipa — pelo menos até ao momento de João Cruz entrar em acção conflada e dominadora. O belenense obteve também 14 pontos.

— A equipa do C. D. Haytano...

— E' o sub-campeão de Espanha. Bom grupo, riço, como não esperávamos. Kucharki, admiradíssimo e considerado justamente um bom elemento, em toda a Espanha, impressionou-me.

Ficámos-nos na diferença de táctica. Nas dificuldades de adaptação. A própria imprensa espanhola o denuncia, sem deixar de reconhecer ao grupo português certas possibilidades.

A equipa de basquete do BELENENSES regressou de ESPANHA

Veja-se esta transcrição de «El Mundo Deportivo» de Barcelona. Em castelhano — para ter mais sabor:

Por nuestra parte, hemos de confesar que, lejos de defraudarnos, el Belenenses nos produjo una grata impresión, de modo especial en las postrimerias del partido, cuando, con unos ataques muy bien llevados y mejor resueltos, nos demostraron que aquella sensación de inconsistencia que dieran durante el primer tiempo, podía obedecer, posiblemente, a su falta de adaptación a la cancha. En las fases finales del encuentro los portugueses se hicieron aplaudir repetidamente, con unas jugadas de magnífico relieve, coronadas con magistrales tiros. Como dato indicador del relieve que la actuación del conjunto luso alcanzó en el segundo tiempo, diremos que el resultado fué de empate, por cuanto al final del encuentro el tanteo siguió conservando la ventaja de ocho puntos que el Layetano tenía al llegar al descanso. En esta fase de buen juego portugués, se distinguió como fácil encestador el delantero Cruz, la figura más destacada del conjunto. Los demás, a un nivel ligeramente inferior al del citado jugador, aunque cumpliendo a satisfacción dentro de sus posibilidades.

Não se pretende fazer uma análise aos resultados do Belenenses. Importa apenas fixar a diferença que existe, para trabalharmos todos no sentido de a eliminar, se possível for.

Que o basquete deve ser jogado como basquet. Admira-se na modalidade a destreza, a variedade, os golpes de audácia em frente do cesto. Se em Barcelona e Madrid não tiver sido assim, não há rectificações a fazer no processo português. Então — somos melhores, por não ser de acompanhar a toda a alheia.

De Barcelona, onde o Belenenses também perdeu com a selecção da Catalunha, desta vez por 53-34 e com o Maureza por 38-39, saltaram os campões de Portugal até Madrid. Nesta cidade, o Real Madrid triunfou por 45-35.

— Diga-me Acácio Rosa: — As arbitragens...

— No jogo com o Madrid, o árbitro fartou-se de marcar castigos ao Belenenses. A's vezes não os compreendíamos. Deixámos, já disse, boa impressão. Os espanhóis preparam-se para o campeonato da Europa, são bons jogadores. Parece-me que nenhum grupo português faria melhor que o Belenenses. Não tenho motivo para estar aborrecido.

E não, claro está. O basquete português, a despeito dos resultados do Belenenses, não saiu diminuído. Faltará, simplesmente, rever as nossas possibilidades em relação à dos nossos adversários de Espanha...

RODRIGUES TELES



Após a chegada dos componentes da equipa do Belenenses, campeão de Portugal de basquete. Os

Uma das melhores exibições de toda a competição

a cargo do Benfica

O problema do título está por um fio...

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



jornada com o número dezoito da Primeira Divisão cumpriu o seu dever. Deixou uns contentes e desgostou outros. Mas isso é a lei do jogo, e provavelmente a razão da quantidade dos seus adeptos, que sofrem, e vibram, e se entusiasma, como se se tratasse de uma razão da própria vida. Os resultados que se verificaram foram os seguintes:

Benfica	7	—	Sporting	2
Atlético	2	—	Belenenses ..	4
Vitória (Guim) ..	1	—	Oliveirense ..	0
Olhanense ..	4	—	Académica ..	2
Porto	9	—	Elvas	2
Vitória (Set.) ..	5	—	Boavista	0

Cada jornada é um conjunto, mas alguns desafios oferecem mais interesse de que outros. Para despertar a *aficção* não há como o interesse da classificação. Estava nestas condições o Benfica-Sporting, mais importante para o primeiro do que para o segundo destes clubes. E veio o resultado-surpresa...

Em todo o caso, algumas partidas desenvolveram-se com notável interesse. A excepção dos encontros de Setúbal e do Porto, os demais jogos não desmereceram do sentido da luta, que está na base da mais bela e emocionante competição do futebol português.

Se o problema do último está definitivamente solucionado, o do penúltimo parece igualmente resolvido. A zona intermédia, aquela em que nada se passa, foi alargada com a inclusão do Olhanense e do Sporting. Fica, portanto, como único interesse, e o suficiente para manter o ritmo da vibração, o problema do título, a grande razão do torneio.

Benfica e Belenenses marcham quase lado a lado, pois a distância que os separa não é obstáculo intransponível. Pelo contrário, no próximo domingo, talvez o caso se esclareça, nas Salésias, mas bem pode suceder que ainda fique em suspenso.

Eis a classificação geral, tão interessante de leitura:

Benfica 31 pontos (68-23 em bolas); Belenenses 30 (64-28); Spor-

ting 25 (58-30); Olhanense 25 (59-27); Porto 18 (59-38); Atlético 18 (29-46); Vitória Guimarães 16 (35-42); Vitória Setúbal 16 (40-49); Elvas 13 (35-67); Académica 11 (38-65); Boavista 8 (30-59) e Oliveirense 5 pontos (16-62 em bolas).

Vários grupos dão mostras de cansaço, e acusam nitidamente o

vulgarmente andam ligados ao futebol.

O Sporting pode alegar em sua defesa a lesão de uma das suas unidades, componente da linha medular. Sendo razão verdadeira, devemos anotar que por si só ela não nos parece suficiente para justificar o que se passou. Se deu



Rogério vai rematar, mas Azevedo defenderá!

esforço desenvolvido. Outros mantêm-se na brecha, fazendo um último apelo às suas forças. Outros ainda crescem, à medida que decorre a competição.

Eis, no Benfica, um grande representante do futebol português



ODERA parecer estranho a quem não tenha visto o desafio do Campo Grande a vitória do Benfica sobre o Sporting por 7-2, um score anormal nas relações entre os dois Clubes Históricos. Todavia, para quem viu o encontro, e soube vê-lo na sua verdade e no recorte das suas indicações, tal resultado não teve nada de extraordinário. Limita-se a ser a tradução lógica do que se passou no rectângulo, entrando em linha de conta com os acidentes que

uma doença no grupo dos leões, impunha-se-lhe aplicar o remédio de urgência. Tinha de ser uma operação imediata, e tendo em vista os recursos de que se dispunha, de momento.

Ora, o Sporting não teve orientação, colocando o seu jogador mais inexpiente e em condições físicas inferiores como médio esquerdo, na segunda parte. O rapaz substituído, pese a toda a sua boa vontade, transformou-se em grande furo, e por aquela brecha passaram com facilidade, e com todas as suas poderosas armas de rapidez e execução, os avançados do outro lado. E o Sporting, já a jogar mal e remetido a função francamente defensiva, desorganizou-se por completo.

Nem admira. No futebol que está a ser praticado entre nós é o conjunto que interessa e nenhuma unidade poderá falhar. Quando uma falha, todas as outras estão em perigo. Porque o adversário passa a ter um homem sempre livre, e em condições de, à-vontade, organizar o jogo.



Uma atitude de Azevedo. Defesa de recurso a pontapé!

O que deve doer aos sportinguistas, e por certo os lançou na tristeza e desânimo, é o reconhecimento de que o *team* está combatido e de que a sua renovação vai ser muito difícil. E assim acontece, em vista do grupo não apresentar uma — mas muitas deficiências. Estas curam-se com novos elementos, e aqui é que está o mal. Onde estão as forças capazes de reparar, em condições de êxito, o onze leonino? Não se vêem... Nem ninguém dá por elas... Talvez por não existirem, e por se ter vivido no Sporting a pensar no presente e todos se esquecendo do dia de amanhã.

Reduzindo-nos aos factos, temos que os leões se mostraram muito inferiores ao seu adversário. A sua incapacidade correspondeu à capacidade do Benfica. Da *débacle* geral salvaram-se dois jogadores: Azevedo, que fez quanto pôde e que foi submetido a uma das mais duras provas da sua vida de futebolista; e Peyroteo, um lutador de boa gema, que, insensível às insensibilidades do público, insistiu e lutou do princípio ao fim, e sempre com grande vigor, mesmo quando a hipótese da vitória ou de um resultado de equilíbrio estavam totalmente afastados.

Passando para o lado do Benfica, tudo se mostra com outro sabor e um ritmo diferente. Outras cores. Insistimos na ideia de que os jogadores sabem jogar actualmente muito melhor do que nos tempos antigos. Quando se viu tamanha perfeição em grupos de clube, ou mesmo de outra espécie? Uma ligação tão fácil de homem para homem e de função para função, que tudo parece fácil e simples? Ora, a imagem da facilidade é o segredo das coisas perfeitas.

Passamos, por exemplo, a vida a afirmar que o Benfica tem uma defesa fácil, e afinal sai um *titular* como Gaspar Pinto e tudo se passa no melhor dos mundos. Vem outro, um qualquer, e não se dá pela sua falta. Mais: a defesa chega para o que é necessário fazer. Dir-nos-ão que o trabalho dos defesas se encontra reforçado por três médios em fase de esplendor. Três excelentes jogadores! Mas isso não significa que a defesa não cumpra.

No domingo passado, ela não defrontou atacantes de mérito; quer dizer, um ataque organizado. Mas já de outras vezes se não poderá dizer o mesmo. A verdade, nua e crua, é que o conjunto benfiquista se apresenta equilibrado, apesar de possuir células a quem se podem atribuir notas diferentes, ou mais ou menos altas — mas todas passando a linha da suficiência.

A célula intermédia já tem as suas provas dadas. É do melhor que há no nosso país. O feitiço de

Jacinto, um pouco pacato e teimoso, harmoniza-se lindamente com a vivacidade de Francisco Ferreira, um grande em qualquer parte, com a energia e o bom passe de Moreira.

Ainda por cima, e por fortuna, o Benfica encontrou uma linha avançada à altura da média. Veja-se isto: falta o avançado-centro, por sinal o homem da inspiração, e logo o arranjo é feito em condições de não se dar pela falta. Portanto, conclui-se que é o todo que interessa e não este ou aquele jogador. Pela nossa parte, vimos com vivo prazer, como não podia deixar de ser, o trabalho

cia. A defesa belenense estava suficientemente organizada, e o grupo teve a sorte de encontrar um homem à altura das circunstâncias — Serafim. A este juntou-se Vasco, em boa tarde.

O Belenenses conseguiu o resultado em dois ou três lances de boa tática, e queremos crer que estes não nasceram por acaso, mas são o produto de treino. Como comentário ao jogo atlético, mais uma vez se pode dizer que jogar no campo do adversário não importa quando não se criam as oportunidades de morte.

O Oliveirense safu de Guimarães batido, mas tendo perdido



Júlio remata de cabeça. O guarda-redes está atento

do ataque benfiquense: vivo, brilhante, científico. *Verdadeiramente benfiquense.* Uma linha de cinco rapazes que sabem mexer na bola, e jogar. Todos, sem excepção. Deste modo, nunca se sabe de onde vem o perigo, pois na verdade o perigo vem de todos os lados, e tanto da direita como da esquerda.

Rogério, correndo em ziguezague, desnorteia qualquer defesa. Mário Rui, no entanto, ágil e rápido, também se movimenta com facilidade impressionante. Júlio, ao centro, é oportunista. Joaquim Teixeira dá força muscular à linha da frente porque bem raros jogadores sabem utilizar o corpo como ele. Para o fim, e os últimos serão os primeiros, o interior Arsenio, esse caso espantoso do futebol, migalha de gente com fibra de aço, que parece batido e vence os outros, e que nos dá, como presente valioso, modelares golpes de jogo, plenos de imprevisto, de graça e de execução. Foi este conjunto que bateu o Sporting.

Benfica — Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsenio, Júlio, Joaquim Teixeira, e Rogério.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Verissimo, Barrosa, Lourenço, Jesus, Cordeiro, Peyroteo, Albano e João Cruz.

Árbitro — Domingos Miranda, do Porto.

A imagem dos outros desafios da jornada



A Tapadinha, o Belenenses venceu o Atlético, mas a vitória não foi arrancada facilmente. A meio da segunda parte, ainda os números eram de

1-1. O Atlético atacou com muita vontade, mas com falta de eficácia.

com brio. Os seus jogadores entregaram-se à luta, do princípio ao fim, com grande energia e ao sentirem que os factos do jogo lhe eram favoráveis, ainda mais reioberaram de entusiasmo. Os seus ataques resultaram, no entanto, um pouco desordenados e a permitirem a jogada de antecipação.

De sorte que o Vitória de Guimarães teve de acautelar a defesa, tanto mais ficando reduzido a dez unidades. Por outro lado, os jogadores do Vitória, acostumados a assentar a bola no terreno, encontraram no estado do campo um obstáculo. Eis, mais uma vez, um caso de inadaptação. Pelo que acabamos de dizer, o 1-0 do Vitória de Guimarães adquire um valor superior ao que os números indicam.

Em Olhão, os estudantes comportaram-se de melhor forma do que era de prever. Jogando com desembaraço e sangue na guelra, atiraram-se para a frente com impeto, desenvolvendo ataques de qualidade. Bem apoiados pela média, essas avançadas lançaram o perigo na defesa algarvia. O plano defensivo algarvio desmanchou-se um pouco, e isto depois a favor do poder atacante dos académicos.

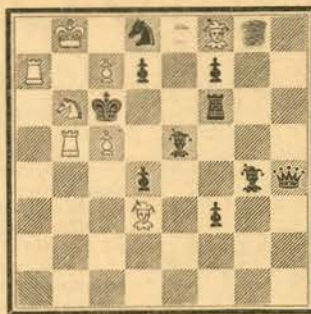
Também no lado algarvio, o melhor jogo pertenceu ao ataque, onde todas as unidades procuraram acertar — conseguindo-o. Registraram-se remates de boa marca, e são no fundo os remates que dão o triunfo.

Foi interessante a partida disputada no campo dos Arcos, em Setúbal. O Vitória, enquanto se empenhou na luta, organizou movimentos de puro futebol. Como? — Mantendo a bola sobre o terreno, e ligando em passagens de precisão e boa conta. Quer dizer: os setubalenses obrigaram o seu adversário a conservar-se nos limites da defesa, e conseguiram ser práticos — traduzir o domínio em bolas.

O Boavista jogou com vontade,

PROBLEMA XXXIX

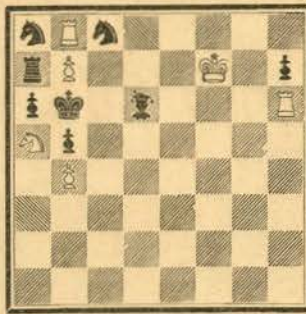
«Anti-Dual»



2 X

PROBLEMA XL

«Macte Animo»



2 X

XADREZ

A. M. KOLDIJK

é o juiz do nosso novo torneio

Acabamos de receber a confirmação favorável do convite que dirigimos ao distinto problemista holandês, dr. A. M. Koldijk, para actuar como juiz no Campeonato de Problemas e Problemistas Portugueses, que «Stadium» tomou a iniciativa de promover. Procede-se já ao estudo da parte técnica, que o dr. Koldijk desenvolve com larga visão.

Recebemos já trabalhos dos compositores A. Pereira da Silva, dr. Carlos Eleutério de Almeida, José Gabriel Mariz Graça, José Casimiro Vinagre, José de Castro e Melo, Oscar Pires de Carvalho e Oscar Baptista.

Lembramos aos retardatários

Publicamos hoje a tricromia do «team» português de futebol que defrontou a selecção francesa.

No próximo número, continuamos com a publicação da nossa separata, «Biografias Desportivas».

a grande conveniência em nos enviarem as suas produções com a máxima brevidade, a fim de podermos remetê-las imediatamente ao juiz do torneio. Assim já os possíveis interessados sobre a ligeira alteração do Regulamento publicado no nosso penúltimo número, estipulando-se admissíveis os problemas compostos em 1946.

Xadrez desportivo

O COMPEONATO DE PORTUGAL

O dr. Mário Machado, que foi já campeão nacional no período 1925-40, ganhou de novo o título máximo, após o renhido «match» que sustentou contra Gabriel Russell, e que terminou com o resultado 6-6. A pesar do empate, a decisão favorável pertenceu ao Dr. Machado, em virtude da sua vitória no recente Torneio de Mestres. A valorosa réplica do adversário, que se encontra em grande forma, o novo titular impôs a sua incontestável classe, demonstrando mais saber e superior concepção de jogo.

Eis a marcha do encontro.

Ordem das partidas	Resultado	Aberturas
1.º	1/2	def. Ortodoxa
2.º	1	> Grunfeld
3.º	0	> Ortodoxa
4.º	0	> Grunfeld
5.º	1/2	> Nimzowitsch
6.º	0	Ab. Espanhola
7.º	1	> Italiana
8.º	1	def. Grunfeld
9.º	0	> Ortodoxa
10.º	1/2	Ab. Espanhola
11.º	1/2	def. Eslova
12.º	1	> Grunfeld

Total: 4 vitórias, 4 empates e 4 derrotas.

Resultados do dr. Mário Machado, que jogara com as brancas nas partidas das pares.

Ano IV — II Série

Lisboa, 1 de Maio de 1946

N.º 178

Stadium REVISTA DESPORTIVA
 Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
 Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 5 1146 — LISBOA
 Chefe de Redacção: FÁBARES DA SILVA
 Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

O OQUEI português prestigiado na SUIÇA



— Mais algum caso importante do Congresso?
— A nossa conquista para organizarmos em Lisboa, em Maio de 1947, o Congresso e os campeonatos da Europa e do Mundo. A escolha foi por unanimidade e é motivo de satisfação pois que ela constitui uma prova evidente de grande consideração por Portugal.

— Portanto, bem recebidos?
— O melhor que se pode supor. A nossa equipa, quer pela sua apresentação física e competência técnica e impecável correcção, impôs-se desde o primeiro momento. De principio ao fim fomos rodeados de constantes provas de simpatia e consideração por parte dos elementos oficiais e desportivos e do público que em manifestações do maior entusiasmo nos acarinhou sempre. Todos os delegados das nações ali presentes manifestaram-nos o seu apreço pela competência técnica da equipa portuguesa. E no final do torneio o delegado francês veio cumprimentar-nos e agradecer a lição de hockey dada pela equipa portuguesa.

Alem disso foi especialmente apreciado o facto de nos fazermos transportar num avião militar português e de se ter deslocado à Suíça um representante oficial do desporto português, o dr. Ayala Boto.

Uma advertência:
— Mas não se esqueça, no meio de todo este entusiasmo que nos rodeia que a nossa representação no torneio deve-se ao especial auxilio recebido pela Direcção Geral dos Desportos. O interesse do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro foi um factor importante para que agora possamos receber esta alegria. E devemos ainda envolver no mesmo abraço de agradecimento o sub-director do Secretariado da Aeronáutica Civil, major Humberto Pais, o professor Luis Adão e o seleccionador José Prazeres. Não esquecendo o auxilio da imprensa.

— Que impressão lhe deixaram os «teams» em Montreux?
— A Suíça apresenta-se com uma equipa em condições de apreço e trazendo o bom resultado da sua vinda a Portugal. É uma equipa em fase de

O país observou com alegria justificada o brilhante comportamento da equipa nacional de hockey em patins, disputado na Suíça, frente a valorosos representantes do desporto estrangeiro no torneio das nações.

Quando o potente «Dakota», do Secretariado da Aeronáutica Civil poisou impecável e suavemente na pista do aeroporto da Portela de Sacavem, uma onda de entusiasmo envolveu um grupo alegre de rapazes desportistas.

Com eles outras figuras compartilharam do sabor da vitória. Três individualidades que ajudaram a erguer o prestigio de que a equipa se rodeou em Montreux: o dr. Ayala Boto, inspector dos Desportos, capitão Santos Romão, o activo e prestigioso presidente da Federação Portuguesa de Hockey em Patins e José Prazeres, o antigo jogador e competente seleccionador da equipa.

Quando, num abraço forte, apertamos o capitão Santos Romão, o conhecido dirigente disse-nos visivelmente emocionado:

— Que bela jornada de desporto!
Pareceu-nos difícil, no meio de tão grande entusiasmo conseguirmos uma entrevista. Mas a amizade e a gentileza do capitão Santos Romão facilitou tudo.

— Esta jornada desportiva — declarou-nos — constituiu, sem dúvida, para Portugal, um acontecimento de grande valor, não só pelo que teve de importante no aspecto desportivo mas pelo alto significado de respeito e amizade por Portugal de parte de todas as Nações que concorreram no Congresso e ao torneio de Montreux.

O nosso país marcou no Congresso. A justificar este facto está a forma como fomos ouvidos quanto à pretensão da Real Federação Espanhola de Hockey em Patins de se filiar na Federação Internacional. A nossa intervenção no assunto foi de molde a conseguir que essa filiação se obtivesse por unanimidade.

Repetidas vezes o capitão Romão se afastava de nós para distribuir abraços e pronunciar frases de regozijo. Mas nós fomos aproveitando todos os momentos.



aperfeçoamento. A Bélgica apresentou-se com um grupo de jogadores enérgicos e de valor, dando mostras de que no futuro será um «team» para se impôr aos melhores. Nos franceses, a equipa de

(Continua na página 15)

O que dizem as gravuras: em cima, o nosso camarada Fernando Sá, entrevista o capitão Santos Romão.

Ao lado, o grupo representativo de Portugal, composto por Correia dos Santos, Cipriano, Rui Pedrosa e António Rato, de joelhos; de pé — Ovídio Serpa, Jesus Correia, Alvaro Lopes e Sidónio Serpa.

Ao fundo, a equipa B da Itália, vencedora do torneio.

Os irmãos SERPAS marcaram 25 "goals" no Torneio internacional de MONTREUX

QUEM os não conhece?! Os Serpas podem considerar-se, na verdade, verdadeiros símbolos do desporto português! Porque Olivério é o único internacional lusitano em tres modalidades diferentes — hoquei em patins e em campo e remo — (haverá, porventura, muitos casos semelhantes no estrangeiro?); e Sidónio é o nosso mais novo internacional, pois estreou-se, com 17 anos incompletos, em Maio de 1937, contra a Itália (3-4), na pista de Herne-Bay, em Inglaterra. São muitas, as seleções de que ambos têm feito parte: mais as de Olivério — porque Sidónio só é (quem sabe se por enquanto?)... «indiscutível» no hoquei em patins; não é preciso enumerar as vezes em que só dois Serpas — nobres ornamentos de uma família de desportistas autênticos: o pai foi campeão de luta greco-romana, e Rudolfo, o irmão mais velho, é também, um excelente jogador de hoquei em campo, que já defrontou a equipa de Madrid — têm sido seleccionados para representar Portugal em competições desportivas. Sempre com mérito — porquanto se notabilizam nas equipas em que são incorporados. Ainda agora, no torneio das nações, em Montreux, eles foram particularmente saudados e distinguidos. A reportagem, portanto, impugna-se.

Estamos no Aeroporto de Lisboa — verdadeira «sala-de-visitas» da Europa, onde, dia-a-dia, aviões de diferentes carreiras levam e trazem, de e para os mais distantes pontos do universo, diplomatas e millionários, ricos e simples burgueses endinheirados, industriais e comerciantes, em suma gentes, estrangeiras e portuguesas de todas as castas! Estamos no Aeroporto, e, à nossa roda, multíssimas mais pessoas — tantas, como nunca se vira naquele recinto, mesmo em dias do maior movimento... Que interesse especial haveria?! É que se aguardava o regresso da equipa nacional de hoquei em patins — e isso, só isso, era motivo suficiente para tamanha agitação. E logo que o Dakota rompeu ao longe (avesinha quase minúscula que sulcava garbosamente o espaço) a multidão não se conteve: e tudo foi invadido! E ecoaram altos os vivas ao desporto e a Portugal. Os jogadores, muito acarinados, sentiram-se envolvidos por amigos e familiares, simples simpatizantes, companheiros e adversários de pugnas desportivas. Tornava-se difícil, mesmo muito difícil, a «abordagem»; mas os rapazes são amigos... e, ao cabo de alguns empurrões e algumas conselheiras,



De cima para baixo: as equipas da Bélgica, França A, França B, Suíça e Itália A — 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª classificações



Os dois irmãos Serpas, Sidónio e Olivério, conversam animadamente com o nosso colega Jorge Monteiro

conseguimos chegar à fala com eles! Lá estão o Olivério e o Sidónio — satisfeitos e alegres no meio daquele bulício; e também o Lopes, os primos Correias e o Cipriano — e ainda o Rui e o Raio. Todos denotam o mesmo contentamento que lhes vai na alma e transparece no semblante. Bons moços, estes, e linda coisa o desporto...

— Creia que estou satisfeito, satisfetíssimo com o comportamento da «rapaziada». Excelente. Disciplinados. Cumpridores. E foram, acredite, bons representantes do desporto português nesta brilhante jornada de Montreux. Nunca se descreu da vitória — mas... Tinha de ser o segundo lugar! Posso, porém, garantir-lhe que só por manifesta infelicidade é que não regressamos, vencedores. À nossa equipa foi, sem dúvida, a melhor: no aspecto técnico e até do ponto de vista de capacidade física. Sem dúvidas: os melhores.

São palavras de Olivério.
— Quanto aos seus adversários?

— Os franceses apresentaram-nos duas equipas inferiores às que já tínhamos defrontado. A razão de tal? Parece não ser necessário dizê-la... Marcel Legendre, que tem 47 anos — como o nosso Masalhães — o elemento mais destacado das equipas da França. Nos belgas, Engelen, um médio primoroso. Dos suíços, o conhecido Martinetti e Maffei Peteps, o substituto de Crozes, que apesar dos seus 125 quilos é um bom guarda-redes. De entre os italianos, destacam-se os irmãos Castoldi, Grazi e Nanotti; o segundo tem, apenas, 16 anos — mas pode contar com o futuro.

— Sobre arbitragens?

— Foram boas, na generalidade, mas demastadamente patrióticas. Não posso esquecer — os dirigentes das partidas eram, todos eles, de Montreux — um tal senhor Krammer, que foi o rei-do-ridículo, pelo seu excessivo patriotismo; a tal ponto que até os compatriotas lhe verberaram o seu procedimento.

Sidónio, irrequieto e bulçoso, eterna criança-grande, metia de vez em quando a sua... «colherada»! Mas a oportunidade chegou. Era agora a sua ocasião. E ele declara:

— Antes de mais nada: peço-lhe um agradecimento público, creio que com o assentimento dos meus companheiros (Olivério concorda imediatamente) para o prof. Luis Adão e para José Praxeres. Tiveram a sua parte — e que grande parte! — no nosso comportamento, quer no aspecto técnico do jogo quer nas aptidões físicas dos jogadores. Bem merecem esta citação. Não a esqueça, não?!

— Em suma: está contente?!

— Oh! Sim! A-pesar de tudo, sinto-me satisfeito, embora não concorde com o «reconhecimento» na Suíça. Quem não tiver senhas não come! Aqui, sim: é um país maravilhoso!

Jorge Monteiro



Áustria, 3- Hungria, 2

O primeiro encontro de futebol realizado depois da paz entre os grupos representativos da Áustria e da Hungria travou-se em Viena, terminando com a vitória dos austríacos.

O jogo foi niveladíssimo e excelente. No último minuto, a equipa vencedora marcou o tento decisivo. Presenciaram o desafio cerca de 70 mil espectadores.

Luxemburgo e França-B empatam

DEPOIS dum match sem brilhantismo, as equipas do Luxemburgo e da França (equipa B) empataram por 4-4, na cidade de Estrasburgo.

O Campeonato das Ligas Inglesas

PROSSEGUIU durante a semana finda a série de jogos para conclusão do campeonato das Ligas Profissionais Inglesas. Durante os três dias festivos da Páscoa, acorreram aos terrenos de futebol exactamente 1.908.843 pessoas.

Isto diz tudo, quando a popularidade e importância do jogo da bola na Inglaterra.

Charlton empatou, sábado, com o Southampton no seu próprio campo, e a vantagem que leva sobre Birmingham é escassíssima: um duodécimo no cómputo de goals!

Derby County ganhou ao Arsenal por 1-0, fora de casa. O Birmingham, em Newport, bateu este clube por igual resultado, de modo que o desafio decisivo para a classificação da Liga Sul pode ter sido o que se efectuou ante-ontem (29) entre o Charlton e o Birmingham, no campo do primeiro destes clubes.

Com a vitória de Aston Villa sobre Leicester, em casa deste último, conseguida por 1 bola a zero, a classificação é a seguinte, nesta data (28 de Abril):

- Charlton (25 vitórias, 8 empates e 6 derrotas) 58 pontos;
- Birmingham (27 vitórias, 4 empates e 8 derrotas) 58 pontos;
- Aston Vila (24 vitórias, 10 empates e 6 derrotas) 58 pontos.

Derby County (23 vitórias 6 empates e 10 derrotas) 52 pontos.

A classificação dos três primeiros clubes efectuou-se pelo cómputo de «goals».

Na Liga Norte, a posição do Sheffield United parece consolidada em definitivo, considerando que apenas resta jogar dois partidos.

A derrota do Everton por 4-0, em casa, causada pelo Barnsley, embora o Sheffield tenha apenas obtido o empate por 1-1, contra Bradford contribuiu enormemente para consolidar a posição do Sheffield United.

A classificação nesta data (28 de abril) é a seguinte: Sheffield (26 vitórias, 6 empates e 8 derrotas) 58 pontos; Everton (23 vitórias, 9 empates e 8 derrotas) 55 pontos.

Quanto ao desafio da Taça de Inglaterra, disputado no vasto terreno relvado de Wembley pelas equipas do Charlton e do Derby County, falaremos noutro logar.



RUGBY

França, 12 — Gales, 0

EM Colombes (Paris), quinze jogadores do grupo nacional francês bateram, num desafio de bola ovóide, os representantes da Gales, que não conseguiram marcar um só tento.

Em vinte encontros, que tantos são os realizados entre os dois países, foi esta a segunda vitória dos franceses.

Depois de 15 minutos, Terreau, recebendo um passe adiantado, marcou o primeiro ensaio, mas Pratt não conseguiu converter. Na segunda parte, o domínio dos franceses acentuou-se: aos 20 minutos, Alvarez marcou de novo, com um soberbo pontapé de ressalto, e três minutos mais tarde, que Terreau conseguiu novo ensaio, que Pratt pôde converter.

A vitória foi merecidamente dos franceses, mas o jogo careceu de beleza combinatória e emoção.

NATAÇÃO

Os campeonatos femininos norte-americanos

REALIZARAM-SE em Seattle os campeonatos de natação dos Estados Unidos (senhoras), estabelecendo-se um novo recorde mundial e sete nacionais.

A equipa da cidade de S. Francisco da Califórnia marcou nítida superioridade sobre as restantes. A equipa de Portland, composta das nadadoras Hansen, Helsner, Zimmermann e Meiki, bateu o recorde internacional de estafetas 4x100 metros, cobrindo a distância em 4 minutos, 8 segundos e 5 décimos.

As 100 jardas (livres) foram ganhas por Brenda Helsner, em 60,4 segundos. As 220 jardas couberam a Ana Curtis, no tempo de 2 m. 27 s. e 3 décimos. A mesma nadadora venceu a prova das 400 jardas em 5 m. e 17 s.

CICLISMO

Um «match» franco-britânico

PARECE que os ingleses têm pouco a temer dos ciclistas franceses de velocidade, fazendo fé na maneira como Rog. Harris, campeão britânico, derrotou A. Revoul, o melhor francês, durante uma prova de três mãos realizada em Herne Hill.

NOTA DA SEMANA

NUM ambiente de magna expectativa, realçado pelo cenário imponente de noventa e oito mil espectadores acastelados e comprimidos, realizou-se no sábado, no Estádio de Wembley, o jogo final para conquista da Taça de Inglaterra.

Desde 1939, quando o grupo de Portsmouth, derrotando, por quatro bolas a uma, os jogadores de Wolverhampton, ficou senhor do troféu, este acontecimento-mor do futebolismo inglês cessara de efectuar-se por necessidade e imposição da guerra. Realado, agora, compreende-se o jubilo transbordante do povo, que a perspectiva de uma competição, reforçada por outra causa solene, o realamento da tradicional e popular pugna desportiva, levaram ao rubro.

Assistiram ao prélio, como de costume, o soberano inglês, a rainha, a princesa Isabel e alguns membros do parlamento.

Dois bandas musicais animaram o ambiente antes e nos intervalos do jogo.

O Charlton partia como favorito, mas a «forman» dos seus elementos, a ajuzar pelos últimos resultados na Liga, decaíra com o tempo. O Derby County, pelo contrário, maninha-se como the best balanced team, ou seja o mais homogéneo.

A defesa do Charlton Athletic constituiu uma sólida linha Maginot durante bastante tempo, mas a audácia dos dianteiros do grupo de Midlands conseguiu marcar em primeiro lugar. Os interiores, Carter e Douberly, sempre ameaçantes e animados, minavam a resistência física dos contrários.

A poucos minutos do final da segunda parte, Charlton conseguiu o empate em condições imparáveis para Woodley.

Foi preciso recorrer ao prolongamento de meia-hora suplementar. Logo ao segundo minuto, o Derby marcou segunda bola e, dez minutos após, a terceira. O Charlton, sem fôlego, não reagia, subumbido por completo e acabando por admitir quarto tento nas redes, marcado por Duncan.

Estava feito o resultado: 4-1. Após o jogo, as equipas formaram no meio do terreno, lado a lado, e o Rei de Inglaterra foi entregar ao capitão do grupo vitorioso a Taça briosamente ganha, saudando cada um dos vinte e dois homens com shake-hands de aplauso pelo seu esforço.

Rafael Barradas

TÊNIS

Os campeonatos de Inglaterra

COMEÇARAM ante-ontem a jogar-se em Bournemouth, no West Hampshire Clube, os campeonatos ingleses de ténis (terra batida), que são os mais importantes do calendário imediatamente a seguir ao torneio internacional de Wimbledon.

Além dos «representantes prováveis», que jogarão em Paris nos dias 10, 11 e 12, contra a França, na primeira eliminatória da Taça Davis, concorrem também as melhores raquetes masculinas e femininas das Ilhas Britânicas.

Estes campeonatos não se realizavam desde 1939. Nesse ano, a prova de singulares (homens) fora ganha pelo chinês Kho Sin Kie, e Miss Kay Stammers, hoje Mrs. Menzies, venceu em senhoras.

Actualmente e por virtude do desafio entre a China e a Holanda, Sin Kie estará ausente. Os quatro jogadores concorrentes de maior importância são os seguintes:

Jack Harper, australiano, ganhador dos campeonatos do Surrey e da Inglaterra Norte; Denis Mach Phail, Derek Barton e Roland Carter, ingleses, todos considerados como esperanças promessas.

Nas senhoras, Mrs. Menzies, Mrs. Bostock (Jean Nicoll), Joan Curry e Mrs. Hilton (Betty Clements) são os melhores.

A França escolheu os seus representantes

OS jogadores franceses que se baterão contra os ingleses, para disputar a primeira eliminatória da Taça Davis no Estádio de Roland Garros, em Paris, são os seguintes:

Yvon Petra e Pierre Pelizza (singulares), Marcel Bernard e Destreman (pares).

O motivo principal das conversas dos últimos dias, o Portugal-França, vai perdendo o seu interesse. A vida não pára, e um interesse vem substituir outro. Os adeptos voltam-se novamente para o Campeonato Nacional, que, na verdade, é uma prova muito curiosa, mesmo emocionante.

Sobre o Portugal-França reconhece-se, à medida que o tempo decorre e as opiniões amadurecem, que, afinal, os rapazes não jogaram tão mal como alguns pretendiam. Tudo pinturas...

O problema dos campos está na ordem do dia. As lotações esgotam-se com a maior das facilidades. O que acontece relativamente aos desafios internacionais passa-se também quanto aos grandes encontros do campeonato.

Por exemplo, poucos se poderão orgulhar de terem conseguido um bilhete, sentado, para o último Benfica-Sporting. Uma semana antes estava tudo vendido. Pelo menos, marcado. Vem a dar na mesma.

Sempre que surge um grande jogo, fala-se na sua realização no Estádio Nacional. Vê-se que há mingua de assunto.

Claramente, quem põe essa questão não é da bola, ou não faz a mínima ideia do que é a mecânica da competição.

Cada concorrente joga contra outro duas vezes: uma no seu campo e outra no do adversário, conforme o sorteio. Fugir disto, é destruir a competição.

As instalações dos clubes da Província melhoram, de um modo geral. Quer se trate de clubes de importância, quer de clubes modestos, nota-se hoje a preocupação de conseguir instalações ao nível do progresso do jogo.

Ha, mesmo, clubes fundados recentemente e com uma camada sócia escassa, que estão desenvolvendo um grande esforço nesse sentido. E os terrenos do jogo vão surgindo com dimensões que se aproximam do limite máximo. Progride-se!

O campeonato corporativo decorre com interesse. Dentro em pouco acabará a primeira fase. Para entreter os que ficaram de fora, o Organismo do trabalhador português pôs em movimento um torneio a eliminar. Está certo.

MUNDO da BOLA

pele JORNALISTA desconhecido

CARTA AMIGA A UM «INTERNACIONAL»

Meu caro Quaresma:

Escrevo-te estas duas desataviadas linhas para te dizer que, cá de longe, tomo parte na tua tristeza, no desgosto e no tédio da tua vida sem mácula, dentro e fora do campo.

Sei que esta afirmação não será um bálsamo miraculoso para a tua ferida, mas ajudar-te-á a levares a cruz ao calvário. Pelo menos, a fazer com que a serenidade volte ao teu espírito, e voltes a ser o mesmo rapaz, tranquilo, sossegado, que vive para os seus, e ainda para o jogo, de que tanto gostas e que praticas com tão grande entusiasmo.

Eu também estive no Estádio Nacional, lá perdido num dos topos (embarro com a designação de cabeceira). E acredita: vibrei como aqueles que vibram, tanto ou mais do que os jogadores, apesar de não ter responsabilidades ligadas ao encontro. Mas eu sou português e sou da bola, um duplo motivo, penso, para desejar ardentemente a vitória portuguesa. Na obscuridade do meu lugar, eu sentia perfeitamente a necessidade de um triunfo, por causa do prestígio do futebol português, só mais tarde pensando, como ainda hoje penso (felizmente, tenho muito tempo livre na minha vida, e consigo sempre o tempo suficiente para fazer aquilo que desejo e é de meu gosto), nas consequências que uma derrota poderia acarretar...

Mas como ia dizendo, eu vi o jogo e reparei na tua pessoa. Por muitas e variadas razões, e ainda porque tu, meu caro Quaresma, assim como não passas despercebido numa conversa, cá fora do terreno, também se tem de dar por ti, fatalmente, lá dentro...

Queres saber uma coisa? A verdade é que não jogaste bem, mas entre o que tu fizeste e aquilo que depois li a teu respeito medeia uma distância infinita. Já sei o que me vais dizer: — Eu joguei mal, mas fiz todo o possível...

Claro! Por ter a certeza de isso é que estou a escrever-te. Eu, que não sou crítico, que não sou técnico, que não tenho responsabilidades. A mim, francamente to digo, pareceu-me que te esforçaste ao máximo, perseguindo a bola a todo o momento e procurando estar sempre no teu lugar, desempenhando honrada e briosamente, dedicadamente, a tua tarefa. Talvez tenhas sido, mesmo, o avançado mais trabalhador e aguerrido. Muitas vezes te vi perto da grande área do adversário, e logo a seguir, num ápice, no centro do terreno, procurando tapar o caminho ao médio do teu lado, que, em contra-ofensiva, levava a bola para o nosso campo.

Tu insististe na luta, e o teu esforço não me passou despercebido, acredita. Simplesmente, como vem sendo teu hábito, não largaste a bola senão em último caso (índice de má condição física?), e o teu jogo não teve a clareza e a facilidade que devem ser oapanágio de um jogador da tua categoria. Quer dizer: jogaste mal, mas fizeste tudo quanto podias para jogar bem, e colaborastes com os teus companheiros. Lá dentro do campo, nem uma só vez (como tenho a certeza!) te passou pela cabeça outra ideia que não fosse vencer o adversário e ser leal para os teus companheiros de luta.

Desculpa não te enviar esta carta pelo correio, mas parece-me te quero ver aborrecido, homem! Ah! Que se eu fosse seleccionador...

A propósito, dá por mim um beijo à tua filhinha, e diz-lhe que ela pode ter orgulho no pai, que é um jogador de futebol de alto a baixo. — J. D.

Há resposta para tudo...

P. 359 — Qual foi o prémio, em dinheiro, atribuído aos jogadores? (Sportinguista abelhudo).
R. 359 — Segundo ouvimos, três contos. Aliás, bem merecidos!

P. 360 — Espírito Santo, com um pouco de esforço, não poderia ter jogado?

P. 361 — Não tem a opinião de que fez falta? (Um benfiquense, de Coimbra).

R. 360 — Não, senhor. Piorou da distensão. Era impossível.
R. 361 — Talvez. Mas o seu substituto esteve à altura.

P. 362 — Qual é melhor: Marques ou Guilhar? (De José Carlos Leão Franco).

R. 362 — Trata-se de dois excelentes jogadores. Qualquer deles já tem sido melhor, em dado momento. Actualmente, e dada a lesão de Guilhar, mesmo, a preferência deve ir para Manuel Marques.

P. 363 — Pode informar-me se Espírito Santo estará sem jogar durante muito tempo? Não acha que faz falta ao Benfica? (Um benfiquense que põe o Benfica acima de tudo).

R. 363 — As distensões como aquela que tem Espírito Santo são muito aborrecidas. De aqui a quinze dias, o conhecido jogador deve estar em condições de alinhar. Sem dúvida, o ataque do Benfica valoriza-se extraordinariamente com a inclusão de Espírito Santo.

P. 364 — É ou não é ainda Peyroteo o melhor avançado-centro português?

P. 365 — Jogará Peyroteo a avançado-centro contra a Espanha? (De Um sportinguista da rua Alexandre Herculano).

R. 364 — Pelo menos, é essa a opinião do seleccionador nacional. E também a nossa.

R. 365 — Quase iríamos jurar que alinhará a avançado-centro. Mas para isso é preciso que os espanhóis se disponham a vir a Portugal.

CORRE QUE...

A realização do Portugal-Espanha está comprometida.

♦♦ O desafio Portugal-França teve um rendimento de mil e quatrocentos contos, um pouco inferior ao da R. A. F.

♦♦ Vários árbitros deixam o apito esta época, e que alguns deles estão descontentes por não serem nomeados.

♦♦ Um clube de Lisboa, muito em segredo, anda a tratar da vinda de dois excelentes jogadores da Província.

♦♦ Deve ser nomeada esta semana a Comissão Administrativa da Federação, tal como informámos.

♦♦ Há uma complicação grave no futebol madeirense.

♦♦ O sr. Santos Barão sempre fica à frente dos serviços burocráticos da Associação de Futebol de Lisboa.

♦♦ Guilherme Espírito Santo não joga por causa da distensão. Piorou no treino da quinta-feira passada.

ANEDOTA

Quem escreve estas linhas estava a conversar, ao balcão do Banco Espírito Santo, com um desportista e praticante do Sporting.

Nisto, acerca-se de nós um rapazinho, vivo e gaiato, que vinha ao Banco fazer qualquer coisa que interessava à casa em que se encontra empregado, um estabelecimento de uma das ruas próximas.

A pessoa com quem falamos nota que o rapaz olhava na lapela dois distintivos do Benfica, iguais, e estranhando o uso, comenta:

- Logo dois distintivos do Benfica, anh!
- Pequeno não se perturbo e responde imediatamente:
- O Benfica até merecia mais!

Grande vitória do BENFICA!

O incomparável Azevedo! Ele aí vai pelo ar perante o espanto de Rogério e Cardoso



Mário Rui escapa-se a Cardoso e Marques. E o extremo direito do Benfica foi sempre perigosíssimo a rematar



Artur Teixeira domina Cordeiro e devolve a bola com segurança

Belenenses
vencem
do Atlético



Mário Rui e João Cruz. É difícil dizer quem levou a melhor



Rogério, de cabeça, consegue destruir a oposição de Cardoso

Manuel Marques e Julinho em luta. O leão vence nesta altura, e consegue entregar a bola a João Cruz



O atlético defesa belenense, Vasco, intercepta com segurança uma bola que Micael procurou rematar



Uma arrojada defesa de Correia



A defesa alcantarense empenha-se a fundo. Que energia!



Micael e Serafim lutam pela posse da bola. O alcantarense ganha no lance

Possibilidades dos portugueses na Volta a Espanha

QUE o ciclismo português, possuindo sem dúvida alguns elementos de classe internacional, está todavia a ressentir-se duma afiliva falta de renovação de valores, prova-o a dificuldade de seleccionar um grupo homogêneo e suficientemente forte para ir correr a Espanha. Mas não é agora, nas vésperas da partida, para terras de Castela, da equipa portuguesa que vai disputar a Volta ao país vizinho, o momento oportuno para tratar das necessidades da velocidade nacional nem das dificuldades havidas na selecção dos corredores. Agora teremos que nos limitar a desejar aos seis escolhidos as maiores felicidades na sua tarefa, sem dúvida árdua, e tentar dar uma ideia das suas possibilidades na grande e difícil competição espanhola.

Depois de correrem hoje em Torres Vedras — numa prova que não pode considerar-se a mais indicada como preparação final para quem vai alinhar numa Volta — seguem amanhã para Madrid os estradistas João Rebelo, Fernando Moreira, João Lourenço, José Martins, Aristides Martins e Manuel Rocha.

Ninguém poderá duvidar das grandes possibilidades de Rebelo na difícil prova. Embora não pareça um pouco mais «pesado» de movimentos que em 1945, e isto talvez pelo facto de usar até agora, com o fim de se poupar, multiplicações mais pequenas que a habitual, e para o qual não possui a necessária «rotação» de pernas, Rebelo, se tiver sorte, pode repetir as provas do ano passado. Fisicamente o campeão do Sporting está como em 1945 e possui desta feita uma experiência da prova que lhe há-de ser bastante proveitosa.

Deve ser Fernando Moreira o homem que, a seguir a Rebelo, melhor comportamento terá. A incomparável facilidade de movimentos de que é dotado — movimentos leves e sem aparentarem esforços — e a sua juventude, são armas de grande valor. Resta saber até que ponto irá o seu poder de recuperação. Cremos todavia que o campeão nacional não está excessivamente treinado — a não ser que houvesse forçado a preparação para o campeonato — e nalgumas circunstâncias o português deverá evidenciar-se.

João Lourenço não está a «andar» como em 1945, e por isso será difícil prever qual será a sua acção em prova tão «dura». Se a baixa demonstrada por Lourenço for motivada pela gripe que o tem atormentado — facto a aceitar, pois o sportinguista fez já este ano corrida meritória nos «100 contra-relógio» — estamos convencidos de que, aproveitando-se do seu saber, pode chegar a evidenciar-se, isto é, num plano de defesa, como convém às suas características de homem rápido. Oxalá, todavia, que as causas não sejam outras — deficiências de treino ou, quem sabe, fadiga, porque neste caso o corre-

dor leonino ver-se-à em embeçoços para corresponder à honra da selecção. Confiemos, no entanto, no seu brio e na sua prática.

Aristides Martins — que não é, como se sabe, homem talhado para provas por etapas — tem-se também mostrado menos regular que a época passada, mas isso, sabemos-lo, é porque não tem forçado os treinos. Suporte ele a dureza das primeiras tiradas e encontre adversários da sua igualha com quem possa «fazer a sua prova», e teremos o sportinguista na chegada da última etapa.

E para nós uma incógnita o seleccionado José Martins. Atlético e leiticamente, ele é indiscutível na equipa portuguesa. Sabemos

também que não tem exagerado na sua preparação, a fim de chegar ao princípio da Volta quase em «forma». Mas a sua mediocre corrida no Porto surpreendeu-nos. E todavia homem de forte poder de recuperação, com uma saúde de ferro e um cuidado constante com a alimentação. Por estes motivos é capaz de se integrar na «mecânica» de correr de Rebelo e Moreira. Depende no entanto o comportamento do «iluminante» da maneira como decorrerem as primeiras etapas. Martins é estradista impressionável e não admite, com facilidade, o manter-se numa classificação mediocre. Oxalá ele fique entre os primeiros nas tiradas iniciais.

As corridas do Benfica

SE os clubes desportivos que apenas limitam a sua actividade à prática das modalidades que os organismos oficiais movimentem, se dispuserem a seguir o exemplo do Benfica, que, numa louvável compreensão dos seus deveres, promoveu no domingo dois interessantes e sem dúvida singulares provas de ciclismo, de acentuadas características de propaganda, estamos certos que muitas dessas modalidades, que entre nós possuem vida difícil, breve alingiram plano de relevo no âmbito dos desportos nacionais. Porque é assim, criando provas novas, e movimentando o desporto, sem cuidar de saber, antecipadamente, se se poderão obter resultados favoráveis, é assim que se faz obra meritória, que possa afinal corresponder às finalidades dos clubes desportivos.

Foi sem dúvida um êxito para o Benfica essa louvável iniciativa de promover o seu «Círculo», disputado em duas etapas, reservado a iniciados e juniores, e a «Prova Ensaio», destinada a ciclistas que nunca tivessem corrido. Na primeira prova, pôde observar-se a vantagem que há em colocar os principiantes a correr com os estradistas já com certa prática e mais classe, pois além de criar aos primeiros um contacto que tecnicamente lhe é bastante proveitoso, ainda permite que eles ejuizem as suas reais possibilidades em luta com homens de uma categoria em que estão prestes a ingressar. Quanto à segunda prova, ele tornou possível a captação para a velocidade dum lote de, pelo menos, uma dúzia de rapazes com muita habilidade. Isto não falando nas características de propaganda de competição, pois pôs em actividade quase uma centena de ciclistas das mais variadas regiões, numa acção de «infiltração» da velocidade de competição nessas regiões, grande proveito para a modalidade.

Os próprios resultados individuais e colectivos — amplamente divididos — constituíram poderoso estímulo o forte incentivo para os clubes concorrentes, numa face-

de propaganda digna de registo. O Sporting, por intermédio de José Gonçalves e Luís Ribeiro — dois rapazes cheios de habilidade — conquistou os primeiros lugares, na Prova Ensaio. Revelaram-se ainda nesta prova Edgar Marques, em representação dum grupo da Azinhaga da Felleira; Humberto Cunha e Luís Moia, dois bem constituídos rapazes, o primeiro do Ribatejo e o segundo do concelho do Sobral; José Pinheiro, também da região de Oeste, e ainda Henrique Gonçalves, Manuel Felção, Manuel Nunes e José dos Santos. Todos estes homens, que cobriram os 28 quilómetros de percurso em menos de 1 h. e 5 m., são elementos para aprofundar.

Alberto Coelho, correndo pelo Benfica — clube onde é uma das melhores esperanças, foi o vencedor do «Círculo», em «iniciados», no bom tempo de 2 h. 2 m. 5 s. por 58 quilómetros. O «iluminante» Xavier Gomes classificou-se em segundo, com 2 h. 3 m. 45 s., após prova muito regular, e Henrique Soares e Guerreiro Gonçalves, um algarvio com fibra e muita habilidade, conquistando o terceiro e quarto lugares, asseguraram ao Benfica a vitória por equipas nos «iniciados».

Justo triunfo final de José Camelo em juniores, mercê da sua vitória na primeira tirada e o segundo lugar na etapa de Lisboa, e excelentes corridas de Henrique Mendes, António Marques, Manuel Gonçalves, Domingos Jacinto e Alberto Correia, classificados respectivamente de segundo a sexto.

Manuel Catarino, do Benfica, Manuel Silva e Manuel Gonçalves, ambos do Sangelhos, não obtiveram resultados que traduzem o seu belo comportamento, pois sofreram avarias numa altura em que tinham já posições definidas. Disso se ressentiram as classificações das respectivas equipas. Há todavia que pôr em relevo a prova de conjunto feita pelos «arrolenses», pormenor que lhes proporcionou a sua vitória colectiva.

G. M.

Resta saber-se o que fará o pequeno Manuel Rocha. O corredor da Iluminante é homem para se «agorrrar» a um pelotão e aí se manter sem desfalecimentos. Tem também recuperações fáceis, adapta-se sem relutância a qualquer ambiente, e está em forma. Por isso pode esperar-se que chegue ao final da prova à frente de muitos espanhóis. Para desejar que ele possa suportar, sem desfalecimentos, as alterações constantes das classificações nas primeiras etapas — pormenor sempre de capital importância para os novos das competições de etapas.

Como facilmente se depreenderá, a equipa portuguesa, desde que não pode contar com o concurso de Eduardo Lopes — agora a demonstrar uma combalvidade como nunca possuiu — nem os de Império dos Santos e Mourão, não possui o valor global da de 1945, embora tenha desta feita dois homens em plano de destaque — Rebelo e Moreira — e um que pode revelar-se — Martins. No entanto, o ciclismo é modalidade de grandes surpresas, e as corridas por etapas são sempre uma incógnita. Por isso confiemos no brio dos nossos representantes e desejemos que o seu comportamento seja, pelo menos, o dos que terminaram a Volta em 1945.

Gil Moreira

Campeonato Nacional da II Divisão

O Estoril e o Famacião, em boa corrida para o título, ganharam no domingo os jogos do calendário. Estamos apenas na segunda jornada, mas os 3 pontos averbados a cada uma das equipas podem assegurar-se agora com unhas e dentes — como se dizer-se... E os minhotos, vencedores no Algarve, deram um grande passo na prova, visto que conseguiram magnífica vitória em campo do adversário.

Quer isto dizer que esteja resolvido o pleito entre quatro equipas pondunoras? Nada disso. Tanto o União de Coimbra, com 2 pontos, menos um que os da vanguarda, como o Portimonense, ainda sem êxitos, podem perturbar a marcha dos seus adversários.

Daqui resulta a indiscutível valorização do torneio. Sabe-se que os dois primeiros tem um prémio especial, e por isso não admira que todos lutem com decidida vontade. No próximo domingo, o jogo Portimonense-Estoril é particularmente importante. Os algarvios procurarão com certeza pontos, que começam a fazer-lhes falta, mas os rapazes de A. F. de Lisboa estão avisados sobre a importância do encontro...

Não é menos importante o desafio de Famacião. O grupo local, brioso como se está a ver, recebe os unionistas de Coimbra, aspirante sério e também vencedor do Portimonense. Arriscar prognósticos é difícil, mas não nos restam dúvidas sobre o esforço de cada «team».

As vitórias do Estoril sobre o União por 2-1 e do Famacião contra o Portimonense por 3-2 não desmancharam possibilidades. O valor dos pontos, nesta prova, começa a ser devidamente ponderado.

Até onde irá a força do desporto?

A expansão, a importância, o significado nacional sempre crescentes que o desporto está adquirindo em todo o Mundo, criam por vezes aos seus dirigentes e orientadores situações embaraçosas, que o grande público, à margem das causas escondidas, nem sequer vislumbra nas suas interperações dos factos.

Vem este comentário a propósito de um caso de que tivemos conhecimento há dias, numa conversa amigável com um conceituado dirigente espanhol que nos visitou.

Volta este ano a ser disputada de novo, pela primeira vez desde que a guerra interrompeu o curso normal das grandes competições internacionais desportivas, a famosa Taça Davis, a prova de maior vulto que entre si travam os tenistas dos cinco continentes.

A Espanha inscreveu-se e o sorteio da zona europeia atribuiu-lhe como primeiro adversário a Suíça, que em «smatch» internacional, talhado nos mesmos moldes da Taça, já na época passada derrotou. Logicamente se pode portanto prever o triunfo espanhol.

Para a eliminatória imediata, o destino caprichou na mais irónica das decisões: o vencedor do encontro Espanha-Suíça, provavelmente a primeira nação indicada, desfronterà, no seu território, a França! E eis assim os dirigentes do desporto nosso vizinho a braços com a organização eventual de um Espanha-França em ténis, em território espanhol, com as fronteiras fechadas para uns e outros.

São prematuras quaisquer suposições, tanto mais quanto sempre ouvimos dizer que se não deve contar com a pele do urso enquanto vivo e, mal comparado, os tenistas suíços ainda não foram esfolados pelos seus valorosos adversários; mas é caso para desejar a vitória espanhola, porque assim se poderá verificar como é poderosa a força do desporto, capaz de sobrepor o interesse dos seus prêmios aos arrufos políticos dos povos.

Elo de aproximação entre as juventudes do Mundo, chamou Couberlin ao desporto; nas suas lutas pacíficas aprendem os homens a estimar-se através das leis da lealdade, da disciplina e da camaradagem e, nos tempos atribulados que atravessamos, será curioso verificar se é capaz de ressuscitar a tradição da tré-gua olímpica que na Grécia antiga interrompia desavenças e conflitos armados, para que os adversários pudessem, lado a lado, bater-se como irmãos nos jogos em honra de Zeus, senhor dos deuses.

Hoje, com a humanidade orgulhosa de uma civilização requintada, os princípios ideológicos não representam barreira suficientemente forte para sustar a

avalanche devastadora das loucuras rúnicas desencadeadas.

Isto se verificou no nosso século, durante o qual já por duas vezes a guerra impediu os jogos, em vez dos jogos suspenderem a guerra.

Felizmente, são outras as circunstâncias actuais e quase apostávamos que a razão do desporto vai levar a melhor sobre o embaraço que as questões políticas lhe põem no caminho.

Uma honra e uma responsabilidade

No congresso que se reuniu recentemente em Montreux, foi conferida a Portugal a organização no ano próximo dos campeonatos mundiais de hóquei em patins. É uma muito honrosa distinção, que demonstra, à evidência, o prestígio de que goza o nosso país e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da classe nacional na modalidade.

O assunto, porém, como quase sempre sucede, tem um segundo aspecto, que é da maior importância considerar desde já: o da responsabilidade que se liga ao compromisso tomado.

Receber na nossa cidade de Lisboa as equipas representativas dos países europeus que praticam o hóquei em patins, com a possibilidade ainda — improvável, mas possível, apesar de tudo — da visita de representantes vindos dos continentes americanos, implica a existência de instalações dignas da categoria dos hóspedes.

Só das grandes recepções quem dispõe de salas para acolher condignamente os convidados.

Em Lisboa nada existe, mas todos os desportistas confiam na iniciativa do presidente da edilidade, tenente-coronel Salvação Barreto, para a construção do indispensável Palácio dos Desportos, património da cidade, onde possam realizar-se as competições internacionais dos desportos de interior, como são, além do hóquei em patins, o basquete, o ténis e o voleibol.

Os escassos recintos existentes não albergam, sequer, o público que afliu aos encontros de melhor cartel dos torneios nacionais; a necessidade do Palácio de Desportos, impossível de construir pelos recursos da iniciativa particular, não é portanto um problema novo, gerado pela iminência de uma organização de carácter internacional oficializado; trata-se de um problema de há muito posto em equação pela experiência dos factos, que agora, em face de uma realidade nova, precisa de ser solucionado com urgência.

Como nós podemos crer que os dirigentes da Federação Portuguesa hajam lenientemente aceite uma tamanha responsabilidade sem a prévia segurança dos elementos indispensáveis para lhe darem cumprimento, regozijemo-nos duplamente porque,

OS MELHORES DO MUNDO

A lista dos saltadores que conseguiram por esse Mundo adiante transpor os dois metros em altura, que foi publicada num dos passados números da «Stadium», despertou o interesse dos amadores da estatística atlética e por alguns foi solicitada a que continuasse apresentando a nota dos melhores resultados mundiais nos outros concursos e corridas do programa clássico.

Voa satisfazer-lhes a curiosidade, amenizando a aridez dos nomes e números com algumas indicações comparativas.

Assim, à indicação já prestada sobre os saltadores em altura, acrescentaremos que nesta prova os 1.000 pontos finlandês correspondem a 1,007 e os 2,011 de Steers valem 1144 pontos.

Para não mudar de capítulo, passamos a indicar a lista dos saltadores em comprimento que conseguiram reunir e altrapassar a marca de 7,00, equivalente aos 1.000 p.

O recorde mundial pertence ao negro americano Jess Owens, que em 1936 alcançou 8,15 (1131 p.); a segunda marca foi estabelecida por outro negro americano, Peacock, com 8,01, e foram estes os únicos homens que conseguiram falar até aos oito metros. Vêm depois: Namba (Japão), 7,98; Cator (Haiti) e Kin (Japão), 7,93; King (Estados Unidos) 7,92, maior distância conseguida por um atleta de raça branca; Hamm (E.-U.) e Long (Alemanha) 7,90, que figura portanto como recorde europeu; Hubbard, outro negro americano, 7,89; Boyle, 7,88; Olson 7,85; Steele 7,81; Brown 7,798; Robinson 7,79; Turner 7,785, todos estes saltadores americanos; Leicham (Alemanha) 7,776.

Passemos agora ao triplo-salto, no qual os 1.000 pontos correspondem a 15,045.

O nosso arquivo regista os seguintes resultados superiores a 15,00: Tajima, japonês, detentor do recorde mundial com 16m., conseguidos em 1936 nos jogos Olímpicos de Berlim e cotados na tabela em 1089 pontos.

além da honra conferida a Portugal, a organização do campeonato provoca um benefício do qual aproveitarão diversas modalidades e, principalmente, este bom, entusiasta e generoso público desportivo de Lisboa, sempre pronto a apoiar todos os empreendimentos e tão pouco favorecido nas mínimas exigências da sua conveniente instalação.

Os sonhos de tanto tempo vão pouco a pouco materializando-se em realidades; limemos primeiro o estádio, digno cenário das grandes organizações dos desportos ao ar livre; teremos em breve o Palácio dos Desportos; porque não também a Casa das Federações?

Alguns jornais americanos da especialidade anunciaram há dois anos que um negro da Libéria, Warstrung, transpusera 16,12, mas nada consta oficialmente acerca de semelhante proeza.

Seguem-se: Oshima (Japão) e Strom (Noruega), este recordista da Europa, 15,82; Harada (Japão) e Metcalfe (Austrália) 15,78; Namba 15,72; Kin 15,68; Togami 15,67, todos três japoneses; Dickinson (Austrália) 15,66; Liovara (Finlândia) 15,62; Oda e Omaro (Japão) 15,58; Miller (Estados Unidos) 15,54; Brown (E. U.) 15,53; Winter (Austrália) 15,525 e Ahearn (Estados Unidos) 15,52.

A lista dos saltadores à vara é de impressionante superioridade americana; acima da marca de 4,30, que corresponde a 1048 p., encontramos os nomes de 21 saltadores dos Estados Unidos e um único japonês. São eles: Warmerdaar, com 4,77, valendo 1285 p., a proeza atlética até hoje conseguida que melhor pontuação merece à tabela finlandesa; Meadows e Selton, 4,54; Brown 4,51; Dills 4,47, Varoff 4,46, Davy 4,45, G. Smith 4,428; Schaefer e Samseri 4,42; Graber 4,41, Day 4,38; Haller, Gomban, Hant, Start e Deifeld 4,37; Mauger 4,36; Weichert e o japonês Oé 4,34; Deacon 4,33 e Miller 4,31.

O recorde europeu pertence ao norueguês Kass, com 4,27, mas a marca do russo Ozolin — 4,20 — é melhor, não estando registada oficialmente apenas porque a União Soviética não está filiada na T. I. A.; para completar as informações relativas ao salto à vara, falta apenas indicar que o recorde sul-americano está fixado em 4,11 e pertence ao argentino Pojmaveich.

Indiã será acrescentar que não podemos garantir a ausência de omissões nestes agrupados de resultados; desde o início da guerra, sobretudo nos últimos anos com a falta de revistas alemãs e francesas, a nossa única fonte de informações tem sido o «Amateur Athlete», boletim da Federação Americana, o qual costuma publicar no seu número de Março a lista dos melhores marcas mundiais do ano anterior, tal como foi há dias transcrita pelo nosso colega «Mundo Desportivo».

A possibilidade de erro ou deficiência é, portanto, sempre de admitir; agradeceríamos até que no-lo indicasse quem esteja melhor informado.

Salazar Carreira

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

O PORTO venceu LISBOA por 10-5 em HANDBALL

A selecção portuguesa de andebol venceu no domingo os representantes do sul afirmando no campo autoridade suficiente para que, ao espectador independente, possa não parecer exagerada a severa marcação de 10-5 que foi o resultado final do encontro.

Não poderemos dizer que houve acentuado domínio português; a toada geral da partida foi, até, predominantemente de ataque e resposta, mas o comportamento conjunto das duas linhas atacantes foi absolutamente antagónico. Os avançados do Norte demonstraram rapidez, vivacidade, sentido de desmarcação, decisão e pontaria no remate, ao passo que os de Lisboa foram desoladoramente lentos, confusos, incertos e maus rematadores.

Apenas no início do segundo tempo, naquela fase de um ponto por minuto, desenharam alguns esquemas de passes em profundidade, a dar um vislumbre do que era há um ano a toada de uma outra saudosa selecção lisboeta; mas foi só de pouca dura.

As diferenças na pontuação alcançada pelas duas equipas, não corresponde a disparidade de valores nos sectores defensivos; traduz apenas a distância de actividade e eficiência entre ambos os quintetos atacantes.

O jogo não foi brilhante; a primeira meia hora, monótona e irregular, não conseguiu animar a assistência que apenas aplaudiu os pontos marcados pelos seus homens; depois do intervalo, a modificação da linha avançada portuguesa e a troca do médio-centro por um elemento mais rápido deu maior vibração à partida que, durante vinte minutos se tornou agradável pela vivacidade e frequência de marcação. Nos dez minutos finais fez-se sentir a fadiga geral.

Na fraca exibição do grupo de Lisboa influiu ainda o fracasso do médio-centro, afiladamente lento na condução e passagem da bola, podendo afirmar-se que foi esta, com certeza, uma das piores apresentações desde a sua estreia nos juniores. Esperávamos muito melhor.

Nomes a destacar: Campos, Fonseca e Xavier entre os vencedores; dos lisboetas nenhum foi brilhante, havendo-se melhor no desempenho das suas funções: Mira, Arlindo, Matos Moura e Pereira. Todos, porém, com alternâncias de bom e medíocre.

Teve, contudo, este 12.º Porto-Lisboa uma característica agradável que nos apraz registar: a insuperável correcção de todos os jogadores, a exteriorização final de sentimentos de camaradagem sem reservas entre os componentes dos dois grupos, que se haviam batido com ardor e lealdade, sem jactância dos vencedores — que souberam ganhar com dignidade —, nem ressentimento dos derrotados — que mostraram como se perde com desportivismo. O mesmo espírito de simpática confraternização reinou entre os dirigentes das duas associações e os portugueses timbraram em receber os seus



A equipa do Porto, vencedora de Lisboa

hóspedes nos moldes da tradicional hospitalidade nortenha.

O público acorreu numeroso, mais de 5000 espectadores e saiu satisfeito com a justa vitória dos seus. A receita bateu todos os records anteriores, apesar da incomodidade das instalações do campo e do forte aguaceiro que precedeu a partida e deve ter afugentado umas tantas centenas de pessoas.

Para completar a referência falta acrescentar que a arbitragem de Américo Graça, mau grado não haver concedido a avalanche de grandes penalidades que o público reclamou, habituado a um critério diverso e que não pode merecer o nosso acordo, satisfaz pelo seu equilíbrio e isenção. A perfeição não é deste mundo mas, tal como a observamos pode classificar-se de boa.

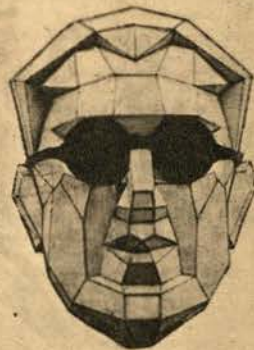
Esperemos agora mais uma semana, para receber em Lisboa a selecção portuguesa; os lisboetas avisados pela lição deste jogo podem e devem constituir-se de forma a dar melhor réplica. E talvez, até, ganhar.

JOSÉ DE EÇA

Os portuenses atacaram com entusiasmo. Nesta jogada, procura a defesa lisboeta neutralizar uma das suas avançadas



A equipa de Lisboa, que perdeu no Porto



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1866
Depositiária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Básculas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2829 LISBOA

F. C. *Porto* ELVAS



A defesa de Elvas procura interromper a marcha de Correia Dias



Catolino remata de cabeça, entre os defesas elvenses



Um dos «goales» do Porto. Pinga e Correia Dias vivem o lance



Dois faxes junto das redes ac. demicas



Vitor Gallhar, Artur de Sousa (Pinga) e Catolino reapareceram. E o público do Porto aplaudiu-os com entusiasmo



Catolino ganha na iau

Vitoria do OLHANENSE



na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

PERGUNTA-SE novamente: — quando é resolvida na Federação de Atletismo a situação do atleta Elói Pereira? E... o que pensa o delegado do Porto na entidade máxima? Ou não estará o Porto representado?

♦ UM «TEAM» de juniores do Porto, o do F. C. P., em cerca de 8 ou 10 jogos, não sofreu nenhum «goal», tendo marcado para cima de 40! É uma boa indicação.

♦ ESTEVE no Porto o sr. dr. Salazar Carreira, Inspector dos Desportos, que assistiu ao jogo Porto-Lisboa em andebol. Foi convidado pelo A. H. P., o que preside o sr. Teodomiro Argente Junior, um nome que tem pugnado inteligentemente pela expansão das modalidades pobres na cidade.

O sr. dr. Salazar Carreira aproveitou a oportunidade para se inteirar sobre vários assuntos que importam ao desporto portuense.

♦ O FLUVIAL conquistou o campeonato regional de juniores, após luta renhida com o Sporting Vasco da Gama. Não pelo resultado, mas pelo que ele pode influir nas futuras equipas do Fluvial, aplauda-se sinceramente a vitória do clube de beira rio.

O Clube Fluvial Portuense tem magníficas tradições na modalidade. Ali jogaram José Diogo, António Soares e Vergílio Soares, internacionais. E, durante muitos anos, vencedor do campeonato regional, assentou nas suas equipas o melhor padrão do basquete nortenho.

♦ FERNANDO MOREIRA é hoje campeão absoluto: — de fundo e velocidade. Trata-se de um ciclista de poder, ainda jovem, 20 anos apenas, e por certo lhe está destinada uma carreira brilhantíssima. Além do mais, Fernando Moreira é um desportista correctíssimo, esforçado, e honra o seu clube, o F. C. do Porto — por onde corre desde os 16 anos.

♦ DESTINADO à Federação Portuguesa de Andebol, foi entregue na A. H. do Porto, pelo F. C. P., um recurso ao protesto aceito e considerado pelo conselho técnico portuense ao Estrela e Vigorosa Sport.

Já nos pronunciámos sobre a maneira como se vulgarizam, lamentavelmente, os protestos. E como são julgados procedentes. Mas isso é com a entidade máxima...

Uma pretensão justa

O Sporting Clube Vasco da Gama, que ostenta o título de campeão nacional de basquete há duas épocas, em juniores, dirigiu-se à F. P. B. B. a pedir a sua intervenção no sentido de propor a concorrência dos primeiros e segundos classificados do campeonato do Porto e de Lisboa e os campeões de Aveiro e de Coimbra. A prova nada perderia com isso, com certeza, e por certo vai o assunto ser ponderado criteriosamente pela Federação Portuguesa.

Para dar uma ideia do que pretende o S. C. Vasco da Gama, transcrevemos os pontos principais da sua petição:

«Mas o que é inegável é que o interessar-se mais clubes só reverteria em propaganda e expansão da modalidade. Aqui no Porto, ainda estava longe de se decidir o campeonato regional, já nós trocávamos impressões com o Fluvial no sentido de se estudar a possibilidade de irem dois clubes do Porto ao nacional e quem diz do Porto dirá de Lisboa. No caso portuense, havia ainda o pormenor de um dos concorrentes ser o campeão nacional e V. Ex.^{as} não desconhecem que no campeonato de seniores já houve a obrigatoriedade do campeão nacional do ano transacto defender a posse do seu título, e ainda agora, numa provável remodelação do regulamento, aparece definida a mesma doutrina.

«O campeonato regional de juniores no Porto já terminou e, como é do conhecimento de V. Ex.^{as}, a nossa equipa perdeu a final depois de uma série de jogos que firmaram inegavelmente os recursos das duas equipas. Sentiríamos orgulho e satisfação em não cedermos o título sem o defendermos no campo da luta e é por esse motivo que estamos perante V. Ex.^{as}, muito respeitosamente, a sugerir o seguinte:

«Que seja permitida a inscrição dos segundos classificados do Porto e de Lisboa no campeonato nacional ou então que pelo menos se consinta que o campeão actual entre na prova. Como a organização dos jogos pode trazer à Federação encargos inoportunos, o «Vasco da Gama» e o segundo classificado de Lisboa responsabilizar-se-iam pelos saldos negativos dos jogos em que interferissem, aparte o encontro da final. Melhor dizendo: os segundos classificados ficariam responsáveis pelos jogos, no seu aspecto material, que houvesse de realizar a mais.

«Poder-se-ia escolher a seguinte mecânica da prova:

«Os dois representantes do Porto defrontariam os campeões de Aveiro e de Coimbra e depois os vencedores jogariam com os dois primeiros classificados de Lisboa.

«Os encontros seriam indicados por sorteio.

«Isto no caso da Capital ser representada por dois clubes. No caso de assim não acontecer, os dois vencedores da zona norte entrariam no sorteio com o apurado de Lisboa. Um deles ficaria isento da meta final e entre os dois decidir-se-ia a final».

O Campo do F. C. do Porto

A Câmara Municipal do Porto, por intermédio do seu ilustre presidente, sr. dr. Luís de Pina, recebeu os srs. dr. Cesário Bonito e Júlio Silva, presidente e vice-presidente do F. C. Porto. Trocaram-se novas impressões sobre o projectado Estádio do popular clube portuense, e isso nos indica o evidente desejo de solucionar o assunto.

Pelo que sabemos, a despeito de confusões que se pretendam estabelecer, o local estabelecido está definitivamente escolhido, apenas se dependendo das formalidades

habituais. E, além disso, afirmamos que as entidades oficiais procuram acompanhar devotadamente a iniciativa do clube campeão.

Nesta entrevista com o sr. Presidente da Câmara Municipal do Porto, estiveram também presentes os arquitectos elaboradores do projecto. Enfim — o momento caso não está esquecido. E não o esquecerá Stadium, interessada desportivamente na solução de tão importante problema.

Assinem a STADIUM

UM ATLETA portuense



António Jorge apareceu um dia no Porto, vindo do Algarve. Ingressou desde logo no Académico Futebol Clube, então nas primeiras filas do campeonato portuense, e pôde impor-se como jogador de boas qualidades.

O Académico passou a ter uma equipa de primeiro plano, e António Jorge, ao lado de Rafael e de Jaguaré ou Santiago, impunha o trio defensivo do seu clube. Dizia-se, e com certa razão, que o Académico possuía a melhor defesa do Porto ou talvez do Norte.

Passou o Académico à 2.ª Divisão do Porto, mas António Jorge não esmoreceu — como alguns dos seus colegas. Bateu-se durante o ano com a mais decidida vontade, e pôde conquistar de novo o lugar que de facto pertence ao popular clube do Lima: — a Divisão de Honra da A. F. P.

António Jorge, que veio do Ferense para o Académico, é um defensor duro e batalhador. Joga há bastantes anos no clube alvi-negro, mais de uma dezena, salvo erro, e foi seleccionado várias vezes para o grupo da cidade. Há muitas épocas, classificou-o a crítica como um dos defesas mais completos de Portugal.

Trata-se de um rapaz que pode fornecer ainda ao futebol portuense, e muito especialmente ao seu clube, admiráveis tardes de jogo. Costuma aplicar-se como poucos, e não dedicadamente o tem feito no Académico, que por todos os consócios é considerado.

Espera o seu clube, na época próxima, que os seus melhores elementos contribuam para a segurança da equipa de futebol no lugar reconquistado. Ao lado de António Jorge, um sabedor, alinham homens de boa categoria, e por isso não será difícil marcar uma posição de relevo.

Merece-a o excelente clube do Porto e justifica-la naturalmente um atleta de fibra como António Jorge.

Interessantes declarações do sr. capitão Santos Romão

Biarritz deve vir a ser uma boa equipa e a de Bordeus com a renovação de alguns dos seus elementos, constituirá igualmente um grupo com condições de se impor.

Os italianos têm realmente uma boa equipa, formando um conjunto de valor técnico.

— Porque perdemos com a Itália?

— A fatalidade nesse dia perseguia-nos. Logo no início, o nosso *back* enfiou a bola nas nossas balizas em virtude de um ressaltito inesperado; depois, as constantes avarias nos patins do Sidónio Serpa, sem nos apercebermos a que as atribuir. Todo o jogo o nosso grande avançado levou a sair do terreno para afinar os patins. E só no outro dia, quando foram desarmados, vimos de que se tratava. Estavam partidos! As saídas de Sidónio quebraram o necessário ritmo à equipa. Estávamos nesse dia desastrosamente infelizes!

Passados os primeiros momentos de apoteose, enquanto a delegação da Allandega campria as formalidades, o capitão Santos Romão continuava a conversar.

— Como encara o campeonato de 1947 em Lisboa?

— Com a certeza de um melhor comportamento. Virão ao nosso país todas as nações que estiverem em Montreux e os espanhóis, ingleses e os americanos, que este ano se filiaram na Federação.

Tenho fé e confiança em que, com o auxílio e o interesse das entidades oficiais, Portugal, em 1947, esteja em condições de poder organizar com êxito os campeonatos do Mando e da Europa. E creio que podemos ter esperanças em ver construído um *rink* devidamente apropriado, que não desmereça da grandiosidade do Estádio Nacional. Tudo, hoje, no país, se orienta no sentido de honrar e prestigiar o desporto e o bom nome de Portugal.

— Esta vitória trouxe benefícios especiais para a modalidade?

— O valor do nosso hóquei patinado já de há muito está demonstrado. Mas para que ele entre definitivamente na sua grande actividade e maior desenvolvimento, para que este desporto se firme cabalmente na sua verdadeira importância, é absolutamente necessário um *rink*. Procuraremos tornar realidade esta grande aspiração. Daí resultará um maior benefício, não só para a patinagem, como para exemplo de outros desportos conhecidos por *desportos pobres*.

E com alegria:

— Neste momento, impulsionaldo pela grande jornada desportiva que conseguimos para Portugal, trazemos connosco uma ordem: *mãos à obra e a caminho!*

— Dos nossos jogadores, merece-lhe algum citação especial?

— Todos foram brilhantes na correcção e na disciplina, e dando-nos constantes provas da verdadeira noção da sua responsabilidade. Todos honraram a missão com que saíram de Portugal. Em jogo, todos estiveram igualmente a grande altura, se bem que Sidónio Serpa conseguiu ser o mais destacado. Mas, de uma maneira geral, todos conquistaram com galhardia o título

de excelente. Bellíssimo grupo de desportistas e de portaguês.

Era impossível reter por mais tempo junto de nós o capitão Santos Romão. Por todo o *hall* do aeroporto continuaram as manifestações de entusiasmo, os «vivas» e os abraços.

O alto-falante pedia constantemente silêncio, denunciando, assim, não ser hábito naquele local viver-se tão grandes manifestações. Mas o desporto estava ali, com toda a sua alegria e eterna juventude, entoando o seu hino de vitória.

Fernando Sá

Duas opiniões autorizadas

Na azafama da chegada dos jogadores de hóquei em patins, era difícil abordar qualquer dos elementos da caravana que foi a Montreux, mas os dirigentes tinham, naturalmente, o campo um pouco mais livre... O dr. Ayala Boto, camarada do jornalismo e amigo antigo, que se deslocou para a Suíça na sua qualidade de inspector dos desportos, e José Prazeres, a quem nos ligam, também, laços de uma velha e profunda amizade, temperada nas lutas desportivas, podiam dizer-nos algo acerca do que fora a campanha dos nossos desportistas na Suíça. E por isso os procurámos.

O dr. Ayala Boto, com a sua costumada afabilidade, declarou prontamente:

— Não podia ter sido melhor. Conseguia-se um belo êxito de propaganda. Posso até garantir-lhe que nunca, que eu saiba, o nome do desporto português pairou tão alto. Excelente comportamento técnico. Absoluta disciplina. Perfeito entendimento entre todos, directores e dirigidos. Conquistou-se o público, mas em absoluto, devido à correcção e ao desportivismo dos nossos jogadores. Belo. Muito belo. Não há que fazer distinções. Especializar este ou aquele—para quê?! Se todos cumpriram com o seu dever de cidadãos e de desportistas de Portugal—seria absurdo, quicá inconveniente, mencionarmos nomes... Eu entendo assim.

«A vitória obtida foi mais um triunfo moral. E de êxito desportivo também. Porque os nossos jogadores mostraram classe. Reconhecida, aliás, pelos próprios adversários, nomeadamente pelos seus ónicos vencedores. Com o favor da sorte, diga-se, pois estou certo que no outro jogo, e noutras circunstâncias, a equipa de Portugal não teria dificuldades em ganhar. Em suma: o comportamento da turma nacional do hóquei em patins satisfaz em absoluto e dea-me, acredite,

como antigo praticante do desporto, muita, muita alegria. Estou contente — por eles — comigo próprio. Gostaria até que sempre assim fosse — em tudo e por tudo. Que mais quer que lhe diga?! Acho que foi o suficiente para se equalitar do merecimento desta deslocação para Montreux.

José Prazeres parece viver ainda os grandes momentos de lutas em que ele, na sua qualidade de seleccionador, e como antigo «internacional», estava igualmente empenhado. E é com entusiasmo, misto de alegria pelos resultados conquistados e de satisfação pelo dever cumprido, que nos garante:

— Estou plenamente pago de todas as conselhas havidas nos trabalhos de selecção. E deplamente satisfeito: como antigo jogador e como dirigente técnico. A equipa campria. Como eu queria. Teve actuação brilhantíssima — a todos os títulos. Não se pôde fazer mais. Ninguém seria capaz de fazer melhor. Não

me compete — nem eu quero — citar jogadores. Basta dizer-se que todos satisfizeram. Houve disciplina — mas não isenta de camaradagem; e tudo correu bem... aparte a fatalidade do jogo com o grupo italiano de Monza! Mas o desporto é assim! Para quê fugir ao destino?! Houve infelicidade — nada mais.

Gostei muito do grupo B da Itália. É realmente bom. Assim como o da Bélgica. Os outros são-nos inferiores. Arbitradores geralmente boas — onde os nossos «referees» teriam de aprender algo. Excelente comportamento do público — sempre entusiasmado e animadíssimo; é um público apreciador do hóquei em patins. Tivemos recepção carinhosa — que nos desvanecia — mas que foi absolutamente merecida. E, por último, sômente ânseio por 1947 — para ver, em Portugal, os campeonatos do Mando e da Europa de hóquei em patins.

Jorge Monteiro

O torneio de Montreux apriciado num relance

NA sua oitava deslocação para o estrangeiro, a turma nacional de hóquei em patins conquistou um triunfo assinalado, e, se não obteve a vitória total no torneio das nações, em Montreux, foi porque a má sorte a perseguia no encontro com Itália-B.

Evidentemente que o torneio de Montreux ressaltou num êxito desportivo do hóquei em patins internacional — mesmo sem a comparticipação dos britânicos — tendo-se destacado as turmas de Itália-B, de Portugal e da Bélgica, principalmente italianos e portugueses, que foram os melhores. Quanto aos belgas, mostraram ter equipa de futuro, mas usaram muito da dureza. As restantes turmas nivelaram-se, melhor as da Itália-A e a da Suíça que os dois grupos da França. No que diz respeito a jogadores, distinguiram-se, além dos lusitanos, Correia dos Santos e Sidónio, os belgas Engelen, De Winter e Vervoedt, de Antaerpi; os suíços Martinetti e Maffei, de Montreux; os italianos Masseroni, Kallmann e irmãos Castoldi, de Monza; Grassi e Nonotti, de Novara; os franceses Legendre e Czernave, de Bordeus; e Haussegny, de Biarritz. No capítulo das arbitragens — todas elas feitas por suíços — destacaram-se Kirschmann, Martinetti J.º, Bloch e Kommer.

Avalia-se melhor dos êxitos dos lusitanos, em relação aos vencedores da competição, vendo-se os resultados obtidos pelas duas equipas, apontando-se, entre, pa-

rentesis, as dos italianos de Monza: contra Bélgica, 12-2 (3-2); França-A, 7-2 (8-2); França B, 11-1 (4-2); Suíça, 5-3 (3-2) e Itália A, 5-1 (2-1). Pela «canção dos números», Portugal patenteou, exuberantemente, a sua superioridade, embora a Itália-B nos tivesse ganho por 2-1.

Resultados completos:

1.º dia:	
Bélgica-Suíça	3-2
França A-Itália A	3-3
Itália B-Bélgica	3-2
Suíça-Itália A	4-1
PORTUGAL-França B	11-1

2.º dia:	
PORTUGAL-Itália A	5-1
França B-Suíça	4-5
Itália B-França A	8-2
Itália A-França B	3-1
PORTUGAL-Bélgica	12-2
Itália B-Suíça	3-2

3.º dia:	
França A-França B	3-1
Itália B-Itália A	2-1
França B-Bélgica	1-0
Suíça-França A	3-5
Itália B-PORTUGAL	3-2

4.º dia:	
Bélgica-Itália A	1-0
PORTUGAL-França A	7-2
Itália B-França B	4-2
Bélgica-França A	6-5
PORTUGAL-Suíça	5-5

Classificação final:

	T. V. E. D.	Bolas P.
1.º Itália B	— 6 6 —	— 23-11 12
2.º PORTUGAL	— 6 5 —	— 42-12 10
3.º Bélgica	— 6 5 —	— 34-21 6
4.º França A	— 6 1 2 3	16-22 4
5.º França B	— 6 1 2 3	10-24 4
6.º Suíça	— 6 1 1 4	17-19 3
7.º Itália A	— 6 1 1 4	9-16

Os setubalenses ganharam ao Boavista

Uma boa defesa de Acácio



O guarda-redes do Boavista não chegou a bola. Será gol!



Mais guarda-redes do Boavista defenderá este campo



O Ateneu Comercial de Lisboa, aplica-se na propaganda e expansão de todas as modalidades desportivas. A luta merece-lhe especial simpatia

A' esquerda vê-se um grupo de concorrentes a um torneio de prinpantes, e à direita os atletas que tomaram parte no concurso



Os mais pequenos desportistas de todo o mundo! Na Serra da Estrela, Zé Mané e Joãozinho, filhos gêmeos do antigo jogador de basquete e conhecido adepto do Benfica, st. dt. João Baptista da Silva, ensaiam as suas primeiras proezas. Já têm fibra de atletas...

ACONTECIMENTOS Desportivos

Nas festas do aniversário do Benfica, Albino (1) recebeu uma taça comemorativa, vendo-se também Manuel Afonso (2), presidente do clube, num discurso relativo ao acto



O bilhar portuense está em franca actividade. Procedeu-se há dias, na capital do Norte à distribuição dos prémios aos mais bem classificados no campeonato regional de três tabelas. Eis o

Realizam-se de novo os "Seis Dias" de Paris



No canto dos tratadores, numa atmosfera muito especial, no meio das esponjas, dos baldes e das rodas de bicicletas—os «esquilos», como chamam em calão desportivo aos corredores dos 6 dias, fazem a «toilette» e descansam ouvindo os conselhos dos seus «managers».



Eis o tim. SCHULTE e BOEYEN, os dois holandeses vencedores, preparam-se para a volta de honra. A luta foi encarniçada, visto que na tarde do último dia a sua vitória, ainda não estava assegurada.



A equipa STARS AND STRIPES, com a A SERES e o corredor Guy LAPEBIE, conquistou o segundo lugar. Em fase da competição renhida que lhes fizeram os dois estrangeiros, os parisienses que arvoravam as cores americanas (daí o nome da equipa) fizeram prova de uma resistência incrível. Revelaram-se óptimos corredores nessa prova de obstinação e resistência que são «Seis Dias».

Stadium

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00